

O NÍVEL SINTÁTICO ANALISADO NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E UMA PROPOSTA DE TRABALHO EMBASADA NA ANÁLISE LINGUÍSTICA

ZOCOLOTTO, Cintia Barbara¹

Resumo - A proposta deste artigo é abordar fenômenos gramaticais relacionados ao nível sintático nos textos de alunos do 6º ano do ensino fundamental e a possibilidade de estudá-los por meio da Análise Linguística. Primeiramente, uma revisão teórica acerca do que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de 1997 – em relação à refacção, bem como da necessidade de os professores se atualizarem quanto às novas teorias e ao conceito de Análise Linguística. A seguir, a proposta de produção textual desenvolvida com os estudantes, a qual serviu para uma posterior análise do nível sintático. E, para concluir, uma sugestão de reescrita embasada na Análise Linguística.

Palavras-chave: Produção textual, Nível sintático, Refacção, Análise Linguística.

Introdução

O trabalho do professor de Língua Portuguesa nas escolas brasileiras ainda é fortemente pautado no estudo da gramática, sendo esse feito de forma tradicional, em que o educador apresenta conteúdos descontextualizados ao aluno. E, quando se utiliza de algum texto, usa-o como pretexto. Um exemplo disso são as situações em que o docente pede aos aprendizes que encontrem os adjetivos ou os substantivos presentes nele. Essa maneira de ensinar a gramática tem sido perpetuada por muitos anos, uma vez que os professores acabam reproduzindo o modelo em que foram educados.

Entretanto, a proficiência leitora e de escrita dos estudantes tem diminuído substancialmente. De acordo com estudos, o público atual das escolas do Brasil se difere demasiadamente das crianças que ingressavam, na década de 1950, nas instituições de ensino. Para Bagno (2007, p. 30):

Uma [...] razão muito importante para que a variação linguística se torne objeto e objetivo do ensino de língua é a profunda transformação do perfil socioeconômico e cultural da população que frequenta as escolas públicas brasileiras, seja para ensinar, seja para aprender.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Profletras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte em parceria com a Universidade do Estado de Mato Grosso no *Campus* de Sinop e Licenciada em Letras pela mesma instituição. Docente na Escola Estadual Desembargador Milton Armando Pompeu de Barros. *E-mail:* cintiazocolotto12@yahoo.com.br

Percebe-se na fala de Bagno que não apenas os alunos mudaram, mas também os professores, os quais pertencem às classes sociais mais baixas, diferentemente do que acontecia no passado. De acordo com o mesmo autor, em relação ao alunado, com a democratização do ensino no Brasil, a escola passou a ser para todos, inclusive para os que possuem dificuldades de aprendizagem. Isso tem gerado números alarmantes quanto aos resultados em avaliações externas, visto que os novos profissionais da educação não sabem como lidar com essa nova clientela.

Em razão disso, os documentos oficiais têm proposto um trabalho diferenciado, embasado nas teorias da Sociolinguística, cujo foco é estudar os fenômenos da língua levando em consideração que vivemos em um país heterogêneo, logo a língua também é heterogênea. Segundo Bagno (2007, p. 38), em seu livro *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*, “[...] é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada [...]”.

Pensando no que pregam os sociolinguistas, realizou-se uma intervenção com os alunos do 6º ano de uma escola de região periférica de uma cidade do interior de Mato Grosso. É importante salientar que grande parte dos estudantes convive com pessoas que possuem pouca ou nenhuma escolaridade.

O objetivo principal foi observar os fenômenos relacionados ao nível sintático nas produções textuais e, em seguida, propusemos um estudo diferenciado por meio da Análise Linguística para que o processo de ensino e aprendizagem contemplasse as atividades epilinguísticas, isto é, de reflexão acerca da língua, e, depois, a metalinguística, a gramática sendo estudada com o intuito de auxiliá-los em suas produções textuais.

Dessa forma, não desprezamos o conhecimento linguístico que os alunos trouxeram de sua comunidade, mas sim os levamos à reflexão de que era possível escrever de outras formas, inclusive, na norma-padrão, de acordo com a situação comunicativa e com o interlocutor.

Concepções teóricas

Este trabalho está pautado principalmente no que dizem os PCN (1997), uma vez que a maioria dos professores de Língua Portuguesa tem acesso a esse documento. Ademais, ele traz de forma explícita a necessidade de se desenvolver atividades que envolvam a reescrita. Conforme os PCN (1997), a refacção textual tem como objetivo fazer com que os alunos, ao

escreverem, possam revisar suas produções após uma correção na qual o professor indica possíveis problemas na construção do texto. Esse é um momento de melhorar a produção textual e refletir acerca dos recursos que a língua oferece a quem escreve.

Sendo assim, a análise dos fenômenos do nível sintático presentes nas produções textuais dos educandos pode contribuir significativamente para uma reflexão tanto do professor quanto do aluno. Pois, por meio da leitura e do estudo desses fenômenos, é possível pensar em sugestões que auxiliem os estudantes no momento da reescrita.

Ainda segundo os PCNs (1997), é necessário que o professor da disciplina de Língua Portuguesa, cujo objetivo é formar produtores de textos que saibam usar a língua em diferentes situações comunicativas da maneira mais competente possível, trabalhe a escrita dos alunos ofertando uma variedade de gêneros textuais, sobretudo aqueles que estão presentes no cotidiano do discente.

Pensar em gêneros que possuam um interlocutor real, o qual lerá efetivamente o que fora escrito pelo aprendiz, é de suma importância e de responsabilidade do docente que ministrará as aulas. Por isso, ao elaborarmos a produção de texto com os alunos do 6º ano, houve a preocupação em propormos um gênero que eles teriam um leitor de fato, no caso a mãe.

Outro fator relevante ao longo do processo de produção textual, correção e refacção é considerar as características socioeconômicas do alunado, tendo em vista que provavelmente a escrita representará de onde são provenientes esses alunos. Há a necessidade de mostrar a eles que existe uma norma diferente da que praticam em seu dia a dia, a norma-padrão, a qual é geralmente usada nas produções escritas, pois até mesmo falantes que se declaram cultos, muitas vezes, não a utilizam durante a fala.

Daí a obrigatoriedade dos educadores se comprometerem em buscar por uma formação continuada pautada nas novas teorias, como a Sociolinguística que, para Bortoni-Ricardo e Freitas (2009 *apud* BORTONI-RICARDO e MACHADO, 2013, p. 46):

Desde o seu berço [...] demonstrou preocupação com o desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos étnicos ou redes sociais. Desde então, muito tem contribuído para os avanços na pesquisa das questões educacionais em diversos países do mundo, principalmente nas últimas quatro décadas. O objetivo tem sido construir novas metodologias que auxiliem professores a desenvolver em seus alunos as habilidades cognitivas necessárias a uma aprendizagem mais ampla e à expansão de sua competência comunicativa.

É evidente o compromisso de tal teoria com as classes mais baixas, visto que entende a língua como uma representação do lugar onde vivem, porém assinala a obrigação da escola em apresentar as demais variantes da língua a fim de que esses aprendizes tenham a competência de usar a variante adequada à situação comunicativa.

Um ensino que abandone a tradicional aula de gramática expositiva tornou-se a preocupação de muitos pesquisadores da área de Linguagens. Pensando nisso, Silva (2009, p.48) argumenta que:

A proposta de Análise Linguística se mostra como uma resposta possível pelos avanços das ciências linguísticas e educativas no Brasil às mudanças das finalidades da escola brasileira, e a transformação social e cultural de seu alunado. Tal proposta pretende configurar-se como uma perspectiva teórico-metodológica de reflexão sobre o sistema linguístico contraposta ao ensino tradicional de gramática.

O modelo gramaticista de ensino não obtém mais resultados com o público que frequenta as escolas do Brasil. Por isso, Geraldi (1995), em seu livro *Portos de Passagem*, discute a respeito dos fundamentos teóricos de sua proposta de ensino e aprendizagem da língua, a qual acredita no entendimento de que língua e sujeito são objetos em contínuo desenvolvimento que acontece através da interação comunicativa.

Para ele, as atividades de ensino da língua compreendem três momentos: as atividades linguísticas, aquelas em que os enunciados são produzidos de forma automática, pois já estão internalizados; as atividades epilinguísticas, nas quais acontece a reflexão em torno dos recursos que a língua oferece aos interlocutores; e as metalinguísticas, que se embasam em conceitos e nomenclaturas para descreverem os fenômenos da língua.

Portanto, pautada nessa teoria, a atividade de refacção tem como pretensão levar os alunos a refletirem sobre a língua, as diferentes possibilidades que ela lhes oferece em situações de comunicação.

Proposta de produção textual

Primeiramente, houve uma conversa com a professora regente de Língua Portuguesa. Constatou-se que todos os alunos eram alfabetizados e, dessa forma, conseguiam escrever um texto simples, exceto um estudante indígena, que ainda estava sendo alfabetizado. Por isso, a educadora estava realizando um trabalho diferenciado, com o intuito de que ele aprendesse a ler e a escrever para poder acompanhar a turma.

Nesse diálogo, chegou-se à conclusão de que propor um gênero textual em que haveria um leitor específico e real seria muito profícuo para se trabalhar o nível sintático, bem como as atividades de Análise Linguística.

Como o Dia das Mães estava próximo e os estudantes dessa faixa etária são muito ligados à figura materna, optou-se por uma *Carta do Dia das Mães*, em que eles teriam a mãe como interlocutora. Era preciso que os alunos se sentissem bastante à vontade para escreverem, a fim de que não se monitorassem para verificarmos desvios no nível sintático.

Ademais, a professora regente se certificou de que todos os discentes conviviam com suas progenitoras, não sendo nenhum órfão. Porém, havia uma aluna que vivia com a avó materna, uma vez que sua mãe estava desempregada há quatro meses e, em razão disso, a estudante teve de ir morar com um parente próximo que possuísse condições financeiras para suprir suas necessidades básicas.

No dia da aula, as atividades iniciaram com um breve diálogo acerca do gênero a ser trabalhado. Foram expostas algumas características da carta, como a data e o local em que é escrita, assim como a necessidade de se iniciar a conversa com um vocativo. Sugeriu-se que utilizassem da palavra ou expressão que costumam chamar a mãe. Muitos vocativos surgiram, como mãe, mamãe, mamãezinha, mãezinha, mammi e mmmis. Alguns são neologismos, pois ainda não foram dicionarizados, entretanto, o gênero textual em estudo, por ser um texto direcionado a alguém muito íntimo, permite o uso de palavras usadas no cotidiano, mesmo que não encontradas no dicionário.

A seguir, foram feitas algumas sugestões do que eles poderiam escrever em cada parágrafo, tais como: como eles veem a mãe, suas características físicas e psicológicas; quais os sacrifícios que elas fazem diariamente para que eles tenham uma vida confortável; um momento marcante na vida dos dois (mãe e filho) juntos; e, para finalizar, as coisas que as mães fazem que os deixam malucos.

As últimas características abordadas foram a necessidade de se despedir do interlocutor, no caso específico, a mãe, e a assinatura de quem está escrevendo a carta, o filho.

Enquanto ocorria a escrita das cartas, todos os alunos se puseram a escrever, até mesmo o que é indígena pediu à professora regente que o ajudasse, pois também queria redigir uma carta para a sua mãe. Durante a escrita das cartas, o que se pôde verificar é que alguns tinham mais facilidade para se expressarem que outros, evidenciando uma turma heterogênea, cada aluno com características peculiares.

Quanto às sugestões do que escrever nos parágrafos, a maioria optou por seguir a sequência sugerida pela professora. Isso os ajudou a organizarem a carta em parágrafos, a dividi-la em assuntos. Eles se recordaram de episódios marcantes. Em bastantes textos, observou-se a presença de acidentes em que o aluno ou a mãe foram hospitalizados, suscitando neles o medo de perder o ente querido ou os cuidados que a progenitora dispensa a eles.

Além disso, a visão idealizada da mãe foi recorrente, uma mulher que, apesar de todos os defeitos inerentes ao ser humano, é vista como uma criação perfeita, sem defeitos. Os adjetivos indicando a beleza, a dedicação e a coragem da genitora apareceram em muitas produções.

Ao término da aula, foram recolhidos todos os textos para uma posterior análise, em que seriam verificados os desvios sintáticos mais recorrentes. Dessa forma, atividades epilinguísticas e metalinguísticas seriam pensadas e formuladas para uma futura intervenção.

Análise do nível sintático nos textos dos alunos

Depois de lidas as produções textuais, foi possível observar em 100% delas a repetição de determinadas palavras, como *mãe*, *senhora*, *you* e *eu*. Em uma carta, o aluno repetiu o pronome *you* sete vezes em apenas um parágrafo.

Exemplo:

Querida mamãe, gosto muito de you gosto do jeito que you fala o seu olhar e tambem gosto dos seus carinhos Não gosto quando you me bate mas tambem lembro das coisa que you fez por mim quando you fica doente me preocupo bastante gosto dos presente que you me da e sou muito feliz de ser seu filho gosto muito de you beijo te amo. (G. F. S.)

Nesse texto específico, alguns fenômenos podem ser observados, tais como: a não pontuação e desvios de concordância nominal, mas esse foi um caso bastante particular, pois a maioria dos textos não possui problemas de concordância nominal e a pontuação acontece, ainda que de forma precária. Contudo, é preciso levar em consideração o fato de serem alunos que acabaram de sair do processo de alfabetização. Exigir que saibam pontuar perfeitamente é leviano por parte do docente, visto que muitos adultos graduados possuem dificuldades para realizarem com competência tal tarefa.

O que se deve observar é que ele conseguiu se comunicar de forma eficiente com a interlocutora, a mãe. Seu texto é inteligível e coerente, percebeba o enunciado “Não gosto quando

me bate mas também lembro das coisa que fez por mim [...]”, o aluno usa o marcador discursivo “mas” para evidenciar a relação de oposição com a oração anterior.

Todavia, o objetivo de se utilizar esse texto como exemplo foi o fato de o estudante ter usado várias vezes a mesma palavra, *você*, pois esse fenômeno, como já foi citado anteriormente, permeou todas as produções textuais, umas com mais intensidade, outras com menos.

É importante comentarmos que o gênero carta favoreceu essa repetição por parte dos discentes. Eles tinham de dialogar com a mãe ao longo do texto, como conhecem poucos recursos linguísticos para evitarem a repetição, reproduziram a maneira como falam, de forma espontânea e informal.

Esse fenômeno ocorreu até mesmo em produções que o estudante possuía um bom domínio da língua escrita.

Exemplo:

Socorro do meu coração,
Você com esses olhos bonitos, cabelos marrons, essas torradas suculentas, franguinho, sucos naturais principalmente de limão delisa.
Obrigado por meproteger das brigas que eu fazia tanto em casa com meu irmão e meu pai por causa do maldito celular que eu tenho tanto apego.
Eu não gosto quando você fala pramim que vai tirar meu tete ou celular quando acaba a comida e não tem mais nada na panela mais você briga comigo porque eu rapo todas as panelas.
Obrigada por tudo o que você faz por mim. Teamo. (J.S.S.)

Observa-se nessa produção que o educando já possui uma noção de pontuação, visto que ele usa vírgulas em uma enumeração e ponto final em todos os finais de frase. Ademais, não comete desvios de concordância nominal, “olhos bonitos, cabelos marrons, essas torradas suculentas [...]”. Provavelmente, esse aluno compreende que a escrita se difere da fala, pois é muito difícil encontrar, até mesmo entre pessoas cultas, alguém que faça a marcação da concordância nominal na fala da forma como ele escreveu. Entretanto, ele, assim como o aluno do texto anterior, também incorreu no uso das repetições ao longo da carta.

Análise Linguística aplicada na refacção

O fenômeno observado em 100% das produções textuais dos estudantes que está diretamente ligado ao nível sintático foi o uso da repetição de palavras nos enunciados. Portanto, as sugestões de atividades epilinguísticas e metalinguísticas foram sobre isso.

O exercício de reflexão acerca da repetição encontrada em todos os textos precisava ser feito com a leitura das produções que eles fizeram. Para tanto, pensou-se em levar excertos das cartas de alguns alunos a fim de serem expostas no projetor multimídia, e assim fazê-los refletirem se havia uma maneira de reescrevê-las sem o uso repetitivo de vocábulos. Ao longo da intervenção, os próprios alunos leram os fragmentos para a turma.

Exemplos:

“Mãe você camdo acorda brava não tem quem ti aguenta você já acorda reclamando fala se eu não ajudar você lavar a area você vai tirar o cabo da internet e vai guarda o cabo dentro do carto e vai tramcar a porta”. (J. E. A. A.)

“Sei que a senhora já fez muito sacrificios e até hoje faz por mim. Não gosto quando a senhora fala as coisas e a senhora não gosta quando eu não ouvo essas coisas”. (R. M.)

“Mãe eu queria falar para você que eu ti amo que você fazar todo para mim eu tiro o chapéu para você porque você deixou eu nascer mãe eu ti amo muito [...]”. (G. F. S.)

“Você já fez muita coisa por mim comprou uma coisa muito cara mais nunca uzei porque acho meio feio mais ao mesmo tempo gosto de brincar”. (M. L. L.)

Depois da leitura, eles disseram não saber se era possível, alguns afirmaram que o texto não seria compreensível por parte do interlocutor. Em seguida, foram expostos como ficariam os excertos sem as repetições.

Exemplos:

“Mãe, quando a senhora acorda brava, não tem quem te aguenta, já levanta reclamando, fala que, se não te ajudar a lavar a área, vai tirar o cabo da internet e guardar dentro do quarto com a porta trancada”. (J. E. A. A.)

“Sei que já fez e ainda hoje faz muitos sacrifícios por mim. Não acho legal quando fala as coisas, assim como a senhora não gosta quando não ouço essas coisas”. (R. M.)

“Mãe, queria te falar que a amo muito e que a senhora faz tudo por mim. Tiro o chapéu para ti porque me deixou nascer. Eu te amo muito!” (G. F. S.)

“Já fez muita coisa por mim, comprou um objeto bastante caro, porém nunca o usei, pois acho meio feio, contudo, gosto de brincar com ele”. (M. L. L.)

Eles leram novamente os trechos, porém com uma nova versão, agora sem o uso das repetições. Nesse momento, o aluno indígena chamou a atenção para a palavra *coisas*, que havia sido redigida duas vezes na versão sugerida pela mestra. “Por que a professora não corrigiu também?” Esse questionamento ensejou mais uma reflexão acerca da língua, pois existem

situações em que a repetição é usada com o intuito de enfatizar algo, foi o que aconteceu com o trecho onde havia grafada duas vezes a palavra supracitada. A necessidade de se chamar a atenção para esse termo impossibilitou a sua supressão ou substituição.

Embora esses aprendizes sejam bastante jovens, é imprescindível apresentar a eles todas as possibilidades que a língua oferece, não subestimando a capacidade de aprendizagem desses estudantes. Um exemplo disso foi a constatação quase instantânea do discente indígena, o qual interpelou a professora a respeito da repetição de determinado termo.

Devido ao fato de eles serem discentes do 6º ano, foi preciso fazer esse trabalho de reescrita em todas as produções a fim de que tivessem um exemplo para seguir. Sendo assim, em cada produção textual havia um parágrafo corrigido, conforme as reflexões realizadas em sala sobre os recursos linguísticos existentes.

Depois desse momento epilinguístico, deu-se início à etapa que envolvia a metalinguística, em que foram explicados conceitos gramaticais de elipse, uso dos pronomes e dos sinônimos. Recursos esses usados com a finalidade de evitar a repetição de palavras ou expressões ao escrever um texto.

A elipse foi conceituada como a omissão de um termo que pode ser subentendido pelo contexto, obviamente explicada de uma maneira acessível a aprendizes de 6º ano. E exemplificada com situações do dia a dia, em que os alunos se utilizam dessa figura de linguagem. Também foram utilizados exemplos, tais como: quando uma pessoa que está com um copo de água pergunta a outra se ela aceita, mas sem pronunciar a palavra água, visto que o próprio contexto deixa evidente que está se referindo a esse líquido.

Algumas dúvidas surgiram quanto à possibilidade de se usar a elipse, pois os discentes não sabiam em que momento poderiam omitir um termo, inclusive porque havia a necessidade de uma reorganização sintática dos enunciados. Sugerimos que lessem a sentença sem a palavra repetida e observassem se era passiva de ser entendida sem aquele vocábulo.

Evidentemente que não foi fácil para os estudantes realizarem essa tarefa, porém é preciso trabalhar a reconstrução dos enunciados, mesmo que seja uma tarefa árdua. Houve muitos questionamentos ao longo da refacção, posto que os alunos ainda estavam em processo de aprendizagem desse novo conteúdo. No entanto, existia interesse em aprender essa nova possibilidade. Foi uma aula em que eles queriam usar o que haviam aprendido em suas produções textuais.

Verificou-se certa dificuldade por parte dos alunos. Contudo, houve a tentativa de fazê-lo, ainda que não da maneira prescrita pela norma-padrão, pois nessa fase os alunos possuem limitações pertinentes à idade-ano, as quais serão aperfeiçoadas no decorrer do Ensino Fundamental.

Depois da explicação acerca da elipse, passou-se a falar sobre o uso de sinônimos e pronomes como recursos que a língua oferece para a substituição. Como as palavras que apareceram com frequência nos textos estavam relacionadas à figura da mãe, foi pedido a eles que dissessem quais termos poderiam substituí-las. Foram elencadas: mãe, mamãe, você e senhora. Então, foi sugerido que tomassem o cuidado de usarem as quatro palavras ao longo do texto. Dessa forma, quando não fosse possível o uso da elipse, optassem por uma delas, mas sem repetirem o mesmo termo.

O momento de reescrita para os estudantes do 6º ano foi também uma oportunidade de refletirem, repensarem o que e como haviam escrito. Tanto o professor quanto os alunos liam, reliam, davam sugestões, escreviam e reescreviam a fim de que sentenças mais elaboradas fossem produzidas.

Considerações finais

Este trabalho evidencia o quão importante é a formação continuada do professor, seja ele de qualquer disciplina, pois os documentos oficiais estão atentos às recentes descobertas dos pesquisadores, e o mesmo acontece com a Sociolinguística, a qual tem contribuído de forma significativa para a melhoria das aulas de Língua Portuguesa.

Por meio da Análise Linguística, em que o professor parte do uso da língua para a análise epilinguística e, então, chegar à metalinguística, quando essa for possível de ser trabalhada, será um caminho bem diferente do que os docentes estão acostumados. Caminho este no qual o professor ensina um conteúdo descontextualizado e culmina em um aprendizado fragmentado em que o aluno não sabe qual a utilidade do que está sendo aprendido, ou melhor, aprende apenas para obter bons resultados na avaliação.

O estudo dos gêneros também deve ser revisto pelos mestres, uma vez que a possibilidade de um interlocutor real estimula os aprendizes a escreverem se monitorando, porque sabem que determinada pessoa com certo conhecimento da língua lerá o que ele está escrevendo. Além disso, prepara-os para situações do cotidiano em que seu domínio da escrita e da oralidade será colocado à prova.

Essa atividade de análise do nível sintático no texto produzido pelos próprios alunos trouxe à tona informações relevantes acerca dessa turma de 6º ano, dentre elas, que alguns possuem mais dificuldades com a escrita do que outros e esses casos precisam ser trabalhados individualmente. Outros fenômenos como o da repetição de palavras foi constatado em todas as produções, o que possibilitou um estudo coletivo desse assunto. Recursos como a elipse, o uso de pronomes e sinônimos foram introduzidos de forma a auxiliá-los em uma situação real de uso da língua, no caso a escrita de uma carta em comemoração ao Dia das Mães.

Espera-se que essa sugestão de atividade estimule outros docentes a registrarem suas intervenções que contemplam o estudo do nível sintático e a análise linguística a fim de que as aulas de gramática despertem a atenção dos alunos que ingressam nas escolas deste início de século.

THE SYNTHETIC LEVEL ANALYZED IN THE PRODUCTIONS OF STUDENTS OF THE 6th YEAR OF FUNDAMENTAL EDUCATION AND A PROPOSAL OF WORK EMBASED IN LANGUAGE ANALYSIS

Abstract - The proposal of this article is to address grammatical phenomena related to the syntactic level in the texts of students of the 6th year of elementary school and the possibility of studying them through linguistic analysis. Firstly, a theoretical review of what PCNs advocate in relation to spare parts, as well as the need for teachers to update themselves on new theories and the concept of Linguistic Analysis. Next, the proposal of textual production worked with the students, which served for a later analysis of the syntactic level. And to conclude, a suggestion of rewriting based on linguistic analysis.

Keywords: Textual production. Syntactic level. Repairs. Linguistic analysis.

Referências

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M; MACHADO, V. R. (Orgs.). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BRASIL Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais. 1º. e 2º. Ciclos: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC: SEF, 1997.

GERALDI, J.W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SILVA, N. I. *Ensino Tradicional de Gramática e Prática de Análise Linguística na Aula de Português*. Recife, 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – PPGL, UFPE.

Recebido em: 4 de maio de 2019

Aprovado em: 20 de junho de 2019